



LIVRO VERMELHO DOS
MAMÍFEROS
DE PORTUGAL CONTINENTAL

Para efeitos bibliográficos, este livro deve ser citado da seguinte forma:

Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.)(2023). *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.

A citação de cada capítulo deve seguir os termos da referência bibliográfica disponível no final do respectivo capítulo. A título de exemplo, esta citação deve obedecer ao seguinte formato base:

Santos-Reis M, Mira A & Lopes-Fernandes M (2023). *Mustela putorius* toirão. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.

Apoio financeiro, beneficiários e parceiros

Este projeto é co-financiado pelo PO SEUR (POSEUR-03-2215-FC-000097), Portugal 2020, União Europeia – Fundo de Coesão e pelo Fundo Ambiental.

Teve como beneficiário a FCIências.ID – Associação para a Investigação e Desenvolvimento de Ciências e como parceiro o ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

A coordenação técnico-científica ficou a cargo do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (cE3c) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), e contou como parceiros de execução com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Universidade de Aveiro (UA), Universidade de Évora (UE), ICETA – Instituto de Ciências, Tecnologias Agrárias e Agroambiente da Universidade do Porto (CIBIO-InBIO) e Mesocosmo – Consultoria, Tecnologia e Serviços Científicos, Unipessoal Lda.

Consulta e download da publicação em:

<https://livrovermelhosmamiferos.pt>

Cofinanciado por:



Beneficiário:



Parceiro:



Entidades participantes:



Apoios:

BONDALTI

REN



Vulpes vulpes (Linnaeus, 1758)

Raposa

Taxonomia

Carnivora, Canidae

Ocorrência

Residente – Res

Categoria

POUCO PREOCUPANTE – LC

Fundamentação: A espécie no território nacional parece estar estável, apresentando uma ampla distribuição generalizada e não fragmentada. Não existem indícios de declínio no passado recente. O número mínimo de animais maduros estimado é inferior a 10 000, mas não é expectável que haja um declínio da população a 6, 12 e 18 anos acima dos 10 %, nem flutuações extremas. Considera-se que há apenas uma subpopulação a nível nacional, com mais de 1000 indivíduos maduros. Não foram detetados declínios populacionais e os fatores de ameaça aparentam não ter um efeito significativo sobre a espécie.

Distribuição

Global: distribuição generalizada por todo o hemisfério Norte (Europa, Ásia, América do Norte e algumas regiões no norte de África), tendo sido introduzida na Austrália. Distribui-se praticamente pela totalidade do continente Europeu e é comum em toda a Península Ibérica (Bencatel *et al.* 2018).

Portugal: distribuição generalizada por todo o território nacional continental (Bencatel *et al.* 2018). A Área de Ocupação estimada é de 9864 km². Não foram detetadas reduções da área de ocorrência e não há indícios de fragmentação populacional.

População e Tendência

População: O tamanho populacional em Portugal é desconhecido, mas o número estimado de indivíduos maduros varia entre 7299 e 39 456, considerando-se que existe apenas uma subpopulação com tendência estável. A raposa atinge a maturidade sexual aos 2 anos (Henry *et al.* 2005) e o tempo geracional estimado é de 6 anos (Pacifici *et al.* 2013).

A época de reprodução decorre entre dezembro e abril, mas maioritariamente em janeiro-fevereiro, ocorrendo o nascimento

das crias entre março-maio (Travaini 1994). Na Península Ibérica o tamanho de ninhada é de 3 a 5 crias (Travaini 1994). A raposa apresenta um comportamento social eclético, podendo ser solitário ou viver em pequenos grupos familiares (Macdonald 1987, Henry *et al.* 2005). Em Portugal a densidade populacional varia entre 0,7 ind./km² e 4 ind./km² (Sarmiento & Cruz 1998, Sarmiento *et al.* 2009, Curveira-Santos *et al.* 2019).

Tendência: Estável.

Habitat e Ecologia

A raposa é uma espécie generalista no que se refere ao habitat e à dieta (Santos *et al.* 2007, Rosalino *et al.* 2010, Pereira *et al.* 2012). Pode ocupar todo o tipo de ambientes florestais ou abertos, conseguindo mesmo estabelecer-se em áreas urbanas (Macdonald 1987, Bencatel *et al.* 2018). A sua adaptabilidade permite-lhe implementar diferentes estratégias consoante a paisagem. Em paisagens dominadas por floresta nativa a raposa evita áreas de atividade humana (incluindo floresta de plantação), mas quando a percentagem de floresta é reduzida explora os recursos em áreas agrícolas e próximo das povoações



Vulpes vulpes ©André Oliveira

(Cruz *et al.* 2015, Curveira-Santos *et al.* 2019, Alexandre *et al.* 2020, Castro *et al.* 2022).

Ao longo de toda a sua área de distribuição o tamanho dos territórios pode variar entre 0,1 e 44,6 km² (Main *et al.* 2019) sendo que, na Península Ibérica, este valor é cerca de 2 a 3 km² (Travaini *et al.* 1993).

A ocorrência da espécie está fortemente dependente da disponibilidade de recursos alimentares, tendo-se verificado que, na Península Ibérica, seleciona o coelho como presa principal quando este é abundante, mas alimenta-se preferencialmente de pequenos mamíferos, aves, frutos/sementes e insetos quando o coelho escasseia (Magalhães 1974, Rosalino *et al.* 2010, Díaz-Ruiz *et al.* 2011).

Fatores de Ameaça

De uma forma geral, em Portugal, não se observam pressões e fatores de ameaça que possam, no presente ou num futuro próximo, causar uma redução drástica da população de raposa. No entanto, existem alguns fatores que afetam diretamente esta espécie, como seja a mortalidade causada pelos atropelamentos, por doenças e/ou pelo controlo de predadores (Grilo *et al.* 2009, Main *et al.* 2019). O impacto deste último, não parece ser significativo (Curveira-Santos *et al.* 2019). A implantação de monoculturas de eucaliptos e outras árvores invasoras contribui para a degradação dos ecossistemas nativos, podendo levar a uma redução da qualidade de habitat, em particular no que respeita ao alimento e refúgio disponíveis (Cruz *et al.* 2015, Alexandre *et al.* 2020, Castro *et al.* 2022).

Medidas de Conservação

As principais medidas de conservação deverão focar uma melhor compreensão e mitigação das causas de mortalidade, através da: i) monitorização de epizootias, em particular de sarna, esgana e raiva; ii) análise dos impactos das ações de controlo de predadores sobre a espécie; e iii) implementação de medidas preventivas de atropelamentos (p. ex. passagens superiores/inferiores; sensibilização dos condutores para a redução da velocidade em áreas de maior risco de atropelamentos).



Legenda do Mapa

Ocorrências confirmadas de raposa *Vulpes vulpes* em Portugal Continental nos períodos entre 1990 e 2004 e entre 2005 e 2021.

Citação recomendada desta ficha e avaliação:

Negrões N, Álvares F & Petrucci-Fonseca F (2023). *Vulpes vulpes* raposa. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.